

HOMO/TRANSEXUALIDADES E FAMÍLIA: ANÁLISE DE UM GRUPO VOLTADO A PAIS E MÃES DE LGBTs

Homo/transsexualities and family: analysis of a group of LGBTs' parents

Homo/transsexualidades y familia: análisis de un grupo de padres y madres de LGBTs

Rogéria Fernandes do Nascimento*

Marcos Roberto Vieira Garcia**

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba – Bra.

RESUMO

O artigo descreve uma pesquisa sobre o funcionamento de um grupo de mútua ajuda para “pais de homossexuais”, em Sorocaba-SP, baseada em análise documental, entrevista e observação-participante dos encontros. A frequência ao grupo é motivada pela busca pela *aceitação* da homo/transsexualidade dos/as filhos/as, como forma de alívio em relação à *dor* e *sofrimento* sentidos. Os discursos dos participantes evidenciaram a *culpa* pela homo/transsexualidade dos/as filhos/as e a *vergonha* por suas expressões de gênero dissidentes, o que os faz ansiar por maior invisibilidade destas. A violência homo/transfóbica é objeto de preocupação, bem como consequências da suposta promiscuidade sexual. Embora predomine a normalização dos comportamentos dos/as filhos/as, observou-se que a frequência no grupo levou à ressignificação parcial de seus discursos, inclusive com participação em atividades de militância LGBT.

Palavras-chave: Homossexualidade. Homofobia. Transfobia. Família. Grupo de mútua ajuda.

ABSTRACT

This article describes a research on a group of mutual help for "parents of homosexuals", in Sorocaba-SP, based on documentary analysis, interview and participant observations. Parents participation is moved by the search for *acceptance* of homo/transsexuality of the children, as a form of relief in relation to the *pain* and *suffering* they feel. The speeches showed the guilt for the homo/transsexuality of the children and *the shame* for their dissenting gender expressions which make them wish for a higher invisibility. Homo/transphobic violence is an object of concern, as well as consequences of supposed sexual promiscuity. Although the normalization of the children's behavior predominates, the frequency in the group led to the partial ressignification of their discourses, including participation in LGBT activism.

Keywords: Homosexuality. Homophobia. Transphobia. Family. Mutual help group.

RESUMEN

El artículo describe una investigación sobre el funcionamiento de un grupo de mutua ayuda a "padres de homosexuales", en Sorocaba-SP, basada en análisis documental, entrevista y observación-participante de los encuentros. La frecuencia al grupo está motivada por la búsqueda por la aceptación del homo/transsexualidad de los hijos, como forma de alivio en relación al dolor y sufrimiento sentidos. Los discursos de los participantes evidenciaron la culpa por el homo/transsexualidad de sus hijos y la vergüenza por sus expresiones de género divergentes, lo que los hace ansiar por mayor invisibilidad de éstas. La violencia homo/transfóbica es objeto de preocupación, así como consecuencias de la supuesta promiscuidad sexual. Aunque predomine la normalización de los comportamientos de los hijos, se observó que la frecuencia en el grupo llevó a la ressignificación parcial de sus discursos, incluso con participación en actividades de militancia LGBT.

Palabras-clave: Homosexualidad. Homofobia. Transfobia. Familia. Grupo de ayuda mutua.

Introdução

O preconceito dirigido às pessoas que tem desejos e práticas estigmatizados tem sido tema de discussão em diferentes espaços sociais e alvo de políticas públicas¹. No caso das homo/transsexualidades, o estigma² existe num contexto que envolve a sociedade, a cultura e uma dada situação social com “efeito sobre a subjetividade do sujeito, até mesmo quando o estigma não ocorre diretamente com a pessoa, mas com alguém que lhe é muito próximo” (SIQUEIRA e CARDOSO, 2011, p.105). As constantes agressões e limitações de direitos às lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTs) evidenciam a necessidade de leis, propostas e ações que condenem atitudes com cunho homofóbico e as situações de discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero. As ações homofóbicas expõem um grupo específico da população a situações de risco, o que está ligado ao não-reconhecimento de LGBTs como sujeitos de direitos e cidadãos. A revisão da literatura realizada acerca do tema demonstra a escassez de estudos na área com foco na relação entre LGBTs e suas famílias de origem. Para Oliveira (2013):

Tais estudos sinalizam para convenções e constrangimentos socioculturais que incidem sobre sujeitos que aderem a uma orientação sexual dissidente da norma heterossexual, colocando em evidência temas como o afastamento das redes da família de origem pela migração para grandes centros urbanos e a percepção das relações familiares como um espaço público onde o sujeito não pode ou não deve visibilizar dimensões de sua intimidade. (OLIVEIRA, 2013, p.04)

Há que se considerar que a família é um dos *locus* onde primeiro se impõe regras de comportamento acerca do gênero e da sexualidade, onde, via de regra, impera uma norma heterossexual que limita e define condutas (JUNQUEIRA, 2009). Diante dessa perspectiva surgiu em Sorocaba, interior de São Paulo, um Grupo de Pais de Homossexuais (GPH)³, para acolher pais e mães que tenham dificuldade de aceitar a homo/transsexualidade de seus filhos e filhas, que emerge e se consolida como uma, entre outras possibilidades de mudanças sociais, culturais e políticas. O presente artigo descreve uma pesquisa que buscou conhecer os limites e as possibilidades que se estabelecem, nesse espaço, no combate à homo e à transfobia.

Percurso metodológico

A temática da relação entre sexualidades e famílias não tem tido forte presença nos estudos acadêmicos brasileiros. O foco dos trabalhos nesse campo encontra-se voltado, principalmente, para as famílias homoparentais. (SCHULMAN, 2009). Com foco nessa questão, buscou-se apresentar as experiências vividas por pais e mães de LGBTs que frequentam o GPH de Sorocaba,

¹Ao longo dos anos 2000, é possível identificar quatro marcos principais no âmbito das ações do Poder Executivo voltadas para a população LGBT: criação do “Brasil Sem Homofobia (BSH) – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual”, em 2004; realização, em 2008, da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, com o tema “Direitos humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (GLBT)”;

lançamento do “Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais” (PNDCDH-LGBT), em 2009; e publicação do decreto que cria o “Programa Nacional de Direitos Humanos 3” (PNDH-3), em 2009. (MELLO; AVELAR e MAROJA, 2012, p.295).

²“O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.” (GOFFMAN, 1963, p.6).

³A divulgação do nome do Grupo foi autorizada pelos pais e mães integrantes da pesquisa. Como trata-se de uma iniciativa pioneira, não haveria como omitir seu nome, uma vez que seria facilmente localizável.

que “não é um grupo de militância de pais que já aceitam; é um grupo para ajudar os pais que ainda não aceitam seus filhos, no difícil processo de aceitação que a maioria atravessa” (GPH, 2006), tendo como dinâmica de atuação a formação de grupos de ajuda mútua. Tendo como campo teórico os estudos de gênero e sexualidade de matriz pós-estruturalista, recorremos a autores (as) tais como: Guaciara Lopes Louro; Judith Butler; Michel Foucault, entre outros, para a realização da pesquisa que teve o trabalho de campo desenvolvido a partir de pesquisa documental, entrevista e observação participante dos encontros. A pesquisa documental tomou por base as informações registradas sobre o GPH, com foco no conhecimento das demandas que implicaram sua criação, implementação, dinâmica instituída e os objetivos declarados. As notícias veiculadas com a divulgação da finalidade do GPH e a entrevista realizada com a articuladora das primeiras ações para a implementação do GPH no município colaboraram para a compreensão de alguns aspectos do grupo e também incitaram o olhar no sentido de transbordar essas definições com vistas a uma análise mais abrangente das práticas e discursos produzidos.

No evento inaugural, de acordo com as declarações feitas à mídia, a criação do GPH é vista como [...] uma ideia inovadora dentro de um poder público municipal. A nossa ideia é evitar que os jovens homossexuais se envolvam com as drogas e com a prostituição por não terem o apoio e a aceitação da família no momento em que declaram ter essa orientação sexual. (CHAVES, 2013)

A associação da entrevista às técnicas de pesquisa documental e observação participante são pertinentes, pois, a análise dos documentos possibilitou a aproximação necessária ao GPH e expôs lacunas que precisaram ser complementadas. A entrevista semiestruturada possibilitou a explicitação e o aprofundamento de informações e experiências singulares, ao passo que, com a observação participante, no período de junho de 2014 a setembro de 2015, abriu-se a possibilidade de conhecer as características e dinâmicas do GPH, seus participantes e ter acesso aos discursos produzidos. Os registros do diário de campo feito durante os encontros do Grupo fornecem a base principal do material de campo analisado na sequência. Alguns cuidados foram observados desde o primeiro contato: a assunção e explicitação do compromisso com a produção de um conhecimento que não é neutro; o respeito para com os participantes e, também, a responsabilidade relativa à socialização do conhecimento produzido. O Grupo de Pais de Homossexuais (GPH) foi desenvolvido a partir de uma proposta de política pública instituída pela Prefeitura de Sorocaba/SP por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDES) que buscou uma articulação com uma organização não-governamental, a ONG GPH, que já desenvolvia proposta semelhante na capital do Estado.

A ONG GPH - Grupo de Pais de Homossexuais foi a primeira ONG brasileira fundada para acolher pais que desconfiam ter ou têm filhos homossexuais. Foi fundado com intuito de suprir a falta de um ambiente seguro e acolhedor onde pais e mães pudessem trocar informações e experiências sobre seus filhos e, se for o caso, solidarizarem-se durante o difícil processo de aceitação. Além disso, sabemos que pessoas com a mesma questão pra resolver se sentem mais fortalecidas quando conversam entre iguais (GPH - Grupo de Pais de Homossexuais)⁴

A dinâmica de grupo de ajuda mútua é o que sustenta seus encontros, liderados por pais e mães de LGBTs. Suas principais características são: ser um espaço exclusivo para pais e mães que afirmam ou desconfiam ter um filho ou filha que escapa às normas impostas aos gêneros e às sexualidades, a confidencialidade entre os membros do grupo e a acolhida a aqueles que estão com dificuldade de conviver com as inúmeras possibilidades de arranjos entre gêneros e sexualidades. Nesse contexto, a ajuda mútua é vivida por meio da partilha, das conversas e da descoberta de situações comuns, cumprindo também a função de orientação e aconselhamento. Os encontros do GPH

⁴Disponível em: <http://www.gph.org.br/quemsomos.asp>. Acesso em 29 nov. 2018

Sorocaba acontecem, mensalmente, no prédio da SEDES, na região central da cidade. Durante o dia, o espaço é ocupado pelos funcionários da secretaria, com prestação de serviços e atendimento ao público e, no período noturno, as terceiras terças-feiras do mês, são pais e mães que ocupam o lugar.

Para a participação nas reuniões do grupo é exigido que o membro seja ou desconfie ser pai ou mãe de um filho ou filha LGBT. É importante salientar que a inserção ao grupo e a realização da pesquisa foi fortemente facilitada pelo fato da pesquisadora (primeira autora do presente artigo) ser também mãe de uma jovem que se relaciona afetiva e sexualmente com outra do mesmo sexo. Nos encontros presenciados, a maioria dos integrantes do GPH se declarou branca, casada e pertencente à classe média, com idades variando entre 40 e 60 anos. Em relação à religião, foram observados frequentadores/as católicos, espíritas kardecistas, evangélicos de diferentes denominações e umbandistas. A descrição dos discursos presentes nos encontros do GPH, por motivos éticos, é feita apenas as indicações “pai” ou “mãe” e as datas dos encontros, de forma a se cumprir as exigências do anonimato. As categorias de análise são êmicas, sempre que possível, ou seja, baseadas em termos utilizados pelo próprio grupo. Como forma de evidenciar essas categorias utilizadas pelos próprios integrantes do GPH, estas serão utilizadas no texto em itálico, como no caso de *aceitação, percepção, culpa, vergonha, dor e sofrimento*.

“Origens” das homo/transexualidades

A dificuldade, presente na fala dos participantes do grupo, é constituída e está inscrita em um processo histórico e cultural que naturaliza as práticas sexuais e torna a heterossexualidade a regra e as homo/transexualidades, a transgressão.

A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades. A forma “normal” de viver os gêneros aponta para a constituição da forma “normal” de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade. (LOURO, 2008b, p.88)

A maioria das participantes no GPH afirma ter uma *percepção* da “diferença” de seus filhos e filhas. Alguns relatos referem-se a indícios que estariam presentes já na primeira infância, associados ao rompimento com padrões de gênero socialmente construídos:

Sempre o vi diferente dos outros meninos, desde pequenininho, ele só brincava de boneca, ficava com as meninas. (Nota de campo, mãe, 16 dez.2014)

Eu sei desde pequeno que ele é [homossexual], por seus trejeitos efeminados. (Nota de campo, mãe, 21 out.2014)

É importante considerar que esse passado é ressignificado posteriormente o que torna impossível distinguir, nesses casos, entre o passado realmente vivido e o passado reconstruído. A *percepção* ocorre por meio do reconhecimento de ações e comportamentos aprendidos e ensinados cultural e historicamente tidos como próprios dos homossexuais, isto é, as meninas se aproximariam das atividades e do jeito de ser considerados masculinos e os meninos demonstrariam emoções e sentimentos típicos do universo feminino.

Eu fui educada que menino tem que jogar bola e menina tem que brincar de boneca ou é gay. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2014)

Percebemos a diferença desde que ele tinha dois anos de idade. Em verdade, ele nunca se viu como menino, é uma menina. Desde pequeno ele colocava a fralda na cabeça pra fingir que era cabelo, sempre brincou com bonecas. Mas ainda não decidi se eu posso chamar ele de ele ou de ela, está na adolescência, cercado por muitas dúvidas. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2015)

De acordo com os pais que frequentam o GPH, a adolescência – período da enunciação dos primeiros relacionamentos afetivos - faz surgir uma sensação de inadequação, gerando um incômodo maior aos familiares que sentem a necessidade de um esclarecimento.

Ele [o filho], se fechou muito e nas relações, foi se afastando, acabou se tornando agressivo, os diálogos com ele eram monossilábicos, precisávamos saber o que estava acontecendo. (Nota de campo, mãe, 18 nov.2015)

Nesse momento, alguns pais e mães são levados a buscar a confirmação dos indícios *percebidos*. Impõe-se a necessidade ou a exigência de uma confissão que “não implica, pois, uma simples constatação de si próprio, pois estabelece no que fala o compromisso de ser o que se afirma que é: há um imperativo de se descobrir a verdade sobre si” (GARCIA, 2004, p. 67)

A gente falava: “se é isso que você quer você precisa se abrir, tem que falar”. (Nota de campo, mãe, 19 mai.2015)

Um dia a colocamos na mesa e falamos: “pode contar!”. Mas ela não confessava. (Nota de campo, mãe, 17 mar.2015)

A construção social dos gêneros e das sexualidades é produzida nas relações que marcam as diferenças, que nomeiam, classificam e categorizam as pessoas por meio de um processo sutil e quase invisibilizado.

De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. (LOURO, 2000, p.15)

Ao criar expectativas a partir da definição de um sexo biológico, impõe-se um aparato de medidas e estratégias de controle, constantes e repetidas, para a incorporação – para adentrar nos corpos – de determinados comportamentos e condutas, desejos e valores específicos definidos na expectativa da existência de uma coerência linear entre sexo, gênero e sexualidade. (BUTLER, 2000). A *percepção* das “diferenças”, nesse contexto, significa a não correspondência fiel aos padrões instituídos de feminilidades e masculinidades. Padrões socialmente construídos e fortemente reproduzidos na família, “lugar de suporte permanente da sexualidade, em que os mecanismos de poder vão se ramificar da forma mais abrangente” (GARCIA, 2004, p.51). As justificativas apresentadas durante os relatos, de modo geral, remetem principalmente a uma consequência da ação dos pais, como se esses tivessem o poder de determinar a orientação sexual ou a identidade de gênero de filhos e filhas pelo simples fato de tê-los parido ou educado.

Fiquei muito abalada, me culpava (Nota de campo, mãe, 21 out.2014)

Nessa perspectiva, para além de compreender que existem inúmeras possibilidades de acordos e arranjos entre gêneros e sexualidades, é necessário desconstruir a crença de que a sexualidade pode ser definida e a homo/transexualidade, evitada.

O princípio da educação que se orienta pela ideia de “evitar o homossexualismo na família” traduz o mais amplo preconceito social existente na nossa sociedade: o preconceito contra homossexuais e contra a homossexualidade. (SOUZA FILHO, 2001, p.04)

São muitas as frases que não se completam, ficam suspensas e são marcadas por um silêncio absorto. A sensação é a de que, implícito nesses ‘vazios’, há um desejo de voltar ao passado. As falas remetem a um “*não ter dado certo*”, “*ter falhado*” e tornar este fato público traz constrangimentos à família.

Eu me sinto responsável por elas, pela educação delas, me sinto assim uma coisa que não deu certo e eu falhei. (Nota de campo, mãe, 17 mar.2015)

Nos encontros com o grupo, as justificativas, gradativamente, perdem seu sentido e as possíveis causas da não-correspondência às regras e padrões impostos passam a ser buscadas em outro lugar, que não a da ação ou omissão de pais e mães. Passam a ser atribuídas a fatores de ordem externa às famílias e/ou a “causas” inatas ou transcendentais:

A homossexualidade é natural... Pense no nosso filho, é natural ele ser gay... porque que ele é gay? Ele nasceu assim, foi uma gravidez normal, um parto normal. (Nota de campo, mãe, 19 mai.2015)

A transexualidade é transcendental, somos seres espirituais, tendo uma experiência material. (Nota de campo, pai, 17 mar.2015)

A homossexualidade é um resgate. [de vidas passadas] (Nota de campo, mãe, 16 set.2014)

Tais falas mostram a ênfase na sociedade ocidental contemporânea de um dispositivo da sexualidade que deixa o prazer em segundo plano, como mostram as perguntas retóricas de Foucault, “como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja, simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja, simplesmente, alguma coisa que dê prazer e gozo?” (FOUCAULT, 1999, p. 229)

Visibilidade e suas decorrências

A questão da visibilidade, no grupo, surge como uma das questões que abarca grande preocupação. A rejeição as diferentes formas de expressão de ser e se relacionar e o temor à efeminação ou masculinização mostram a necessidade de, social e publicamente, garantir os limites impostos. Essa é uma estratégia que alivia a culpa, diminui a vergonha e facilita a convivência familiar.

Eu sinto mais dificuldade assim pelo social, as outras pessoas ficarem sabendo, falando... Quando está só entre a gente eu nem me lembro disso. (Nota de campo, mãe, 17 mar.2015)

O estigma da homossexualidade, nesse caso, só existe num contexto que envolve a sociedade, a cultura e uma dada situação social. Percebe-se, portanto, que o estigma “tem efeito sobre a subjetividade do sujeito, até mesmo quando o estigma não ocorre diretamente com a pessoa, mas com alguém que lhe é muito próximo” (SIQUEIRA e CARDOSO, 2011, p.105). A presença das homo/transsexualidades é um fator que gera discórdias ou desavenças na família com possibilidade de desestruturar a dinâmica instituída e trazer à tona outras questões relativas ao convívio.

As coisas já não iam bem em casa, estava passando por problemas financeiros e agora, dá a impressão de que tudo começa a desmoronar, que o mundo está desabando sobre a minha cabeça. Lá em casa virou uma troca de acusações. Um inferno! (Nota de campo, pai, 19 ago.2014)

Ele não quer a namorada dela em casa e nós tivemos uma discussão feia, ele disse “Eu não sou obrigado.” Não, obrigada sou eu que sou a mãe, você não é o pai. (Nota de campo, mãe, 16 dez.2014)

Em alguns casos, LGBTs parecem carregar também o estigma de agente desestruturador no contexto familiar ao serem culpabilizados/as por conflitos que, claramente, transcendem sua orientação sexual ou identidade de gênero.

O que faz as pessoas gays bodes expiatórios ideais em uma família é que nela

estão sozinhas. Muitas vezes, ninguém no interior da família é como elas ou se identifica com elas. Elas se tornam uma tela projetora, o terreno em que todos os outros depositam suas deficiências e ressentimentos. (SCHULMAN, 2009, p.76)

Essa normatização marcada pelas relações de poder, que legitima algumas e inferioriza outras formas de ser e viver, não é fixa e permanente e se altera no tempo e espaço. Talvez, por isso, irmãos e irmãs, pertencentes à mesma geração, em que as homo/transexualidades, de alguma forma, tornam-se mais visibilizadas, apresentem maior facilidade de compreensão. Cabe ressaltar que a dificuldade e o posterior afastamento de familiares podem ser vistos como uma forma de agressão que, segundo uma das mães, também gera *dor* e *sofrimento* para os próprios pais e mães:

Todo mundo se afastou, pareço aidética. Doe. (Nota de campo, mãe, 16 dez.2014)

Para alguns participantes esse afastamento acontece em função do temor de que a presença de uma pessoa LGBT possa influenciar outros membros da família.

Meu marido tem medo que ela influencie meu filho menor. (Nota de campo, mãe, 16 dez.2014)

Este processo de “contaminação” das crianças pelo estigmatizado é referido por Goffman (1963), para quem

[...] quando numa família, um dos pais pode compartilhar um segredo profundo sobre, e com, outro, podem-se considerar as crianças da casa não como perigosos receptáculos da informação mas, também, como tendo uma natureza tão frágil que tal conhecimento poderia afetá-lo seriamente. (p.49)

Se a invisibilidade das homo/transexualidades no espaço privado da família nuclear se torna pouco provável, para além desse espaço é um tema a ser negociado com os/as filhos/as, no discurso de alguns pais/mães. Há pessoas para as quais a homo/transexualidade pode ser exposta, mas, há espaços velados, em que ela não deve se manifestar. O “armário” é, no discurso dos pais, justificável e necessário em muitos contextos e situações.

Até hoje meus pais [avós] não sabem, contar é gerar um sofrimento desnecessário, eles não iriam entender. (Nota de campo, mãe, 19 ago.2014)

Em busca de uma “normalidade” LGBT

O fato de não “dar pinta” e manter um relacionamento estável contribui para tranquilizar as relações familiares, ou seja, normatizar as relações. Isso, de alguma forma, facilita a convivência. Nesse contexto,

Ser gay ou não ser gay não é a questão. É saber ser gay. (Notas de campo, mãe, 18 nov.2014)

Diante dessa constatação, pode-se notar que há sexualidades que, mesmo não sendo plenamente aceitas, são toleradas, desde que mantenham a discrição e o controle, respeitando determinadas normas e padrões. Isso indica que algumas homo/transexualidades “podem existir”, outras não. De acordo com uma das mães,

Há uma tendência de definir o homossexual pelo sexo: pelo sexo anal, pelo sexo sujo, pelo sexo promíscuo. (Nota de campo, mãe, 16 dez.2014)

Isso impacta a forma como são vistos os relacionamentos nos quais os filhos se envolvem,

frequentemente associados à prostituição:

Quando ele sai, muda até o perfume, deve fazer programa com qualquer um por aí, faz o acerto pela internet. (Nota de campo, mãe, 19 ago.2014)

Diante desse cenário, as relações homossexuais masculinas se aproximam daquilo que os pais chamam no grupo de *promiscuidade*, ou seja, a relação com vários e diferentes parceiros. Relacionamentos gays, diferente dos relacionamentos lésbicos, passam a não serem vistos como relacionamentos que podem ser baseados em afeto e amor.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, (GOFFMAN, 1963, p.8)

Ao lado da *promiscuidade*, surgem os temores em relação à AIDS e a outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Os discursos sobre promiscuidade e DSTs/AIDS são recorrentes entre pais e mães de gays. No grupo há a crença que a homossexualidade masculina expõe os garotos a maiores riscos e os deixa vulneráveis.

Hoje os jovens já estão mais instruídos quanto a AIDS e DSTs, mas homossexuais, já viu, né? (Nota de campo, pai, 16 dez.2014)

Não me importo se ele quer ser gay, mas e a AIDS? Vai saber com quem ele vai sair. (Nota de campo, pai, 19 ago.2014).

A idealização de uma única forma tida como “natural” e legítima de ser e viver a sexualidade e os gêneros é concomitante a outras “verdades” utilizadas para garantir a heteronormatividade. No GPH, são frequentes as menções ao *sofrimento* que seria inseparável da condição de ser LGBT,

A historia do gay é muito sofrida. (Nota de campo, pai, 18 nov.2014)

Se os preconceitos, a homofobia e a violência às quais a população LGBT está exposta forem consideradas, “ter a vida sofrida” pode ter algum fundamento. Pais e mães sentem insegurança e fragilidade em virtude da violência homofóbica que permeia as experiências de seus filhos e filhas.

Hoje em dia há muita violência, para matar um gay não precisa de motivo, basta ser gay. Parece que entre os homens essa violência é maior que entre as mulheres. O maior número de notícias violentas que vejo envolve homens gays. (Nota de campo, pai, 19 ago.2014)

O medo que todos temos é agressão física, é ser mal tratado, tanto física quanto moralmente. O maior medo é a violência. (Nota de campo, pai, 16 dez.2014)

Os casos de intolerância e agressão me preocupam. (Nota de campo, pai, 16 dez.2014)

Entretanto, é importante salientar que ainda que essa preocupação possa ter alguma legitimidade, a vida dos heterossexuais também pode ser “sofrida”. O que torna os grupos marginalizados mais expostos ao *sofrimento* não é o fato de ser quem são ou como são, mas sim os estigmas, os preconceitos, os estereótipos.

A sociedade, a religião diz que ser gay é errado; hoje, não mais com tanta ênfase. Sempre ouvi que ser gay era pecaminoso, sujo. (Nota de campo, pai, 18 nov.2014)

Os sentidos negativos associados às homo/transexualidades fazem com que os pais e mães do GPH continuem próximos de uma visão essencializada e estereotipada, embora busquem desconstruir muitas das “verdades” que os constituem. A prática da constituição de estereótipos encontra-se tão arraigada às relações sociais que se torna naturalizada (DINIZ, 2011). Nesse sentido, essas “verdades” também se aplicam aos estereótipos referentes à sexualidade, sobretudo às sexualidades não heteronormativas, que incluem as inúmeras possibilidades e arranjos entre gênero e sexualidade.

A busca pela aceitação

Os discursos produzidos por pais e mães no GPH explicitam a busca por aquilo que o grupo nomeia como *aceitação* de filhos e filhas LGBTs - por meio da participação nas reuniões, onde há a possibilidade da ajuda mútua, da partilha – que marca como categoria central os caminhos trilhados e os procedimentos realizados nessas trajetórias.

Deparar-se com um filho homossexual é uma barra do cão; se tivesse que morrer de infarto, já tinha morrido. Aceitar de coração aberto, com alegria, isso é mentira. É difícil! É meu filho, a gente acolhe, com a homossexualidade... a gente aprende a conviver. (Notas de campo, pai, 15 set.2015)

Essa busca é considerada por pais e mães como uma alternativa diante da constatação das homo/transexualidades de filhos e filhas que, para os membros do grupo, significa uma experiência de *sofrimento* e *dor*.

A gente foi criado assim, eu ainda sofro, tem muitos pais que sofrem...

[...]

A gente sofre muito, dói... (Notas de campo, diálogo entre um pai e uma mãe, 24 fev.2015)

A instituição desse lugar de enunciação, que apresentam certa homogeneidade entre os participantes, tem como um de seus aspectos a não-correspondência às expectativas familiares de sexo-gênero-sexualidade e o estabelecimento das homo/transexualidades como formas não legítimas da expressão de desejos e afetos. São impostos contornos e limites às sexualidades e aos gêneros e sua constituição é controlada e vigiada por normas e regras que têm como pressuposto a heterossexualidade, referência a ser seguida e ideal a ser atingido. As formas que não correspondem a essa “sequência natural” são marginalizadas e, de acordo com os participantes, geram *sofrimento* pelos estigmas que carregam. Nesse contexto, não estar dentro da norma da sexualidade representa uma mudança repentina de cenário, muito diferente daquele que, na maioria das vezes, os pais haviam planejado, sonhado e, sobre o qual haviam projetado suas expectativas em relação aos seus filhos e-filhas gerando dificuldade para lidar com o novo acontecimento.

Dói e é difícil lidar com a situação. (Nota de campo, mãe, 15 jul.2014)

Para nós que somos de outra geração, é difícil. (Nota de campo, pai, 16 dez.2014)

É importante considerar que o processo de constituição dessa condição de *sofrimento* e *dor* é o que move pais e mães à participação nos encontros do GPH, em busca do que para eles significa um processo de *aceitação*, como um caminho possível para aprender a conviver com as homo/transexualidades anunciadas por filhos e filhas. Essa *aceitação* impõe questionar certezas, ressignificar verdades e paradigmas, em um processo que implica em diminuir o sentimento de inadequação às expectativas, o que de acordo com as famílias gera *sofrimento* e *dor*. É ter condições de acolher o filho ou filha, respeitar os relacionamentos homoafetivos, minimizar a *culpa* e a

vergonha. Aceitar é aprender a conviver em um cenário diferente daquele que foi projetado inicialmente, é assumir o desafio de lutar contra o preconceito social introjetado, é ser capaz de compreender que as homossexualidades são formas de expressão, entre outras, de afeto e sexualidade entre pessoas. Afinal, “a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o ates relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. (FRY, P. ; MACRAE, 1983, p. 5). O que marca as experiências vividas é o desejo de compreender a orientação sexual ou identidade de gênero de filhos e filhas, vistas por esses pais e mães como dissidentes e, além disso, segundo eles, aprender a tornarem-se pais e mães de LGBTs. As trajetórias são “o resultado de uma elaboração, de um itinerário e de uma síntese de influências diversas” (HEILBORN, 2006, p.155). Iniciar essa trajetória implica um processo de “assimilar um golpe” que a vida impõe a estes pais e mães quando suas expectativas não foram consolidadas, o que causa, sofrimento e dor.

Tem gente que tem mais facilidade de assimilar o golpe. (Nota de campo, pai, 21 out.2014)

Eu falo por mim, no íntimo ainda sofro, muito! Você falar que não sofre... a gente luta, aprende a ser pai de um filho. (Nota de campo, pai, 19 mai.2015)

Nesse sentido, o GPH é um espaço que...

[...] ajuda, é um grupo que apoia, dá acolhida. (Nota de campo, mãe, 15 jul.2014)

De modo geral, essas famílias encontram dificuldades para proporcionar a sensação de acolhimento desejada.

Muitas vezes eles se fecham no sofrimento deles e a gente não tem como entrar, é preciso encontrar caminhos. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2015)

Minha ficha caiu quando ele me perguntou: “mãe, você já pensou em se matar? Eu já pensei nisso, seriamente, três vezes”. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2015)

Há uma dupla necessidade nessas experiências: *assimilar o golpe*, ou seja, *aceitar* seus filhos e filhas e aprender a “*tornarem-se*” pais e mães de LGBTs, o que significa ter condições de desempenhar a função de uma família que compreende, protege e acolhe. Assim, aceitar implica um processo de reelaboração e ressignificação permeado pela afetividade que ocorre gradativamente:

A aceitação tem alguns estágios. Você aceita porque tem um filho, que você ama... se não fosse seu filho, se você não o tivesse, você não aceitaria. Mas é necessário entender que sua aceitação é porque é seu filho, aí você aceita se fosse outro, não. (Nota de campo, pai, 17 mar.2015; grifo meu)

Tivemos os sustos iniciais e a gente foi aprendendo... vivendo um dia de cada vez, sentindo as etapas e superando as dificuldades. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2015; grifo meu)

Nesse contexto, a ressignificação surge como um processo capaz de alterar o sentido anteriormente dado às homo/transsexualidades, com poder de transformar e alterar a interpretação dos fatos vividos.

É preciso estar atento à diferença entre opção e orientação. Quem vai optar pelo sofrimento? Eles não optam. (Notas de campo, mãe, 24 fev.2015)

O homossexual não é só sexo... há outras características, ele é uma pessoa. (Notas de campo, mãe, 16 dez.2014)

Aceitar envolve um processo de ressignificação que acontece por meio da ajuda mútua nos encontros com o grupo. A sensação de que “falharam” ao educar nos moldes heteronormativos, aos poucos, se dissipa e a auto-culpabilização e os temores que sentem, se diluem.

Você não deve se sentir culpada a gente dá aquilo que tem, aqui um ajuda o outro. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2015)

Um dia também disse que me sentia culpada por ter um filho homossexual, me culpava pelo filho que tinha e pelo fato de não ter percebido antes, acho que estava sendo soberba, mãe não é deus, mãe é ser humano. [...] A gente deu o que podia ter dado, fez o que podia ser feito, naquele momento; aprendi frequentando o grupo que não há culpa. (Nota de campo, mãe, 17 mar.2015)

A busca por *aceitação*, que para pais e mães que frequentam o GPH, significa acolher e compreender seus filhos e filhas LGBTs, não é um caminho sem tropeços, pois a divulgação da transgressão dos limites e normas impostos aos corpos, sujeitos e desejos no contexto familiar é um dos fatores que, segundo pais e mães que participam das reuniões, causam desequilíbrio nas relações instituídas e trazem transtornos à convivência, além de *sofrimento* e *dor*. De modo geral, a confirmação da não correspondência ao gênero ou à sexualidade da forma esperada tem potencial para afetar e abalar a estrutura familiar; alicerce importante no desenvolvimento e na concepção que cada um carrega de si ao longo da vida. Os poucos estudos que se dedicam a esse recorte do universo LGBT (BORGES (2009); CONCEIÇÃO (2011); MODESTO (2010); PORCHAT (2011) sugerem que as famílias atravessam um processo muito similar aos seus filhos e filhas, e levam a crer que a turbulência inicial – permeada por dúvidas e dificuldades – pode evoluir para um nível de compreensão que facilite as relações familiares.

O papel da ajuda mútua

A ajuda mútua aparece como um elemento fundamental na atribuição de novos sentidos às experiências vivenciadas e compartilhadas.

O desconhecido sempre assusta. (Nota de campo, mãe, 21 out.2014)

É preciso aprender, mudar essa situação. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2015)

É meu filho, preciso fazer alguma coisa. (Nota de campo, mãe, 24 fev.2015)

A mudança que se espera no GPH é no sentido de conseguir compreender as diferentes formas de ser e se relacionar, afetiva e sexualmente, ou seja, uma busca por *aceitação* plena de filhos e filhas. Essa constatação requer um processo de construção/desconstrução de verdades, ou seja, de ressignificação de valores e crenças. Ao mesmo tempo em que os preconceitos, os estigmas e as dificuldades estão relacionados às necessidades de mudança, paralelamente com os aspectos sociais e culturais, são as pessoas que compõem essa mesma sociedade as responsáveis pela sua perpetuação ou superação.

A sociedade somos nós. Eu acho que não adianta falar a sociedade, a gente que tem preconceito, se nós pais temos preconceito, temos que quebrar os paradigmas nossos e ir por aí. (Nota de campo, mãe, 19 mai.2015)

A participação frequente no GPH é o primeiro requisito para provocar mudanças. É como preparar-se para um desafio, uma caminhada de resistência às expectativas e demandas impostas pela sociedade.

Você, agora que conhece o GPH tem que vir sempre no grupo, pra se preparar e se fortalecer. (Nota de campo, mãe, 17 mar.2015)

Enquanto um de nós estiver aqui, vamos resistindo. (Nota de campo, mãe, 19 mai.2015)

É uma caminhada, às vezes a gente tropeça, escorrega. É preciso dar tempo ao tempo e seguir o rumo. (Nota de campo, pai, 21 out.2014)

O desafio maior para pais e mães após a visibilidade da orientação sexual ou identidade de gênero não condizentes com as normas sociais impostas, apresenta-se como a necessidade de superar suas próprias “crenças”, desconstruir suas “verdades”, afastar-se dos dogmas interiorizados e, por fim, ressignificar suas experiências.

Não deixei de ser ignorante mas passei a entender algumas coisas. (Nota de campo, pai, 17 mar.2015)

Quanto mais a gente fala, a gente estuda, a gente lê, mais assiste, mais vê a homossexualidade, os homossexuais. Ajuda abrir a mente e ver que tem sentido algumas coisas e outras não. (Nota de campo, mãe, 19 mai.2015)

Isso leva muitos pais e mães a se conformarem, *aceitarem* as homo/transsexualidades como uma adversidade à qual não se opõem, mas que, ao mesmo tempo, é quase sempre vista como problemática. Assim, são levados a um processo de resignação, submetem-se a um destino que não podem mudar.

Por mais que a gente discuta, fale e apresente acho que natural nunca vai ser. (Nota de campo, pai, 19 mai.2015)

Há histórias de pais e mães que começam em um ponto, que para eles desencadeia um processo de *sofrimento* e *dor* e após frequentarem o GPH, ressignificam seus conceitos e valores.

Por sermos pais de um transgênero sentimos o preconceito, pra falar de preconceito mesmo, quando olhava para eles [homo/trans] via marginais e é isso que eles são porque vivem a margem da sociedade, mas agora tenho a possibilidade de ver pessoas. (Nota de campo, pai, 24 fev.2015)

Só tinha ouvido falar, superficialmente, informação, experiência nenhuma, nada; fazia parte de um rol de uma sociedade que isso é um pecado, uma vergonha, até o momento que você se vê dentro de um contexto... E comecei a pensar que podia ser diferente. (Nota de campo, mãe, 17 mar.2015)

E, hoje, “pensam que podia ser diferente” ao compreenderem o fato de que a dificuldade, o *sofrimento* e a *dor*, que relatam sentir, não estão e nem provêm da forma de ser, amar ou desejar de seus filhos e filhas.

Se eles não podem se expor por causa da violência, da homofobia, quando eles terão uma vida normal? Eu me sinto mal quando falo “Não vá se expor na rua”. Porque não? Não é amor? (Nota de campo, mãe, 16 dez.2014)

Em qualquer situação, sou eu que tenho que resolver da melhor maneira o que está aqui dentro. Eu não tenho o direito de tirar a felicidade do meu filho. (Nota de campo, pai, 16 dez.2015)

Eu, como pai, tenho que ser o primeiro a apoiar. São dois seres humanos se amando. (Nota de campo, pai, 15 jul.2014)

O *sofrimento* e a *dor* relatados por pais e mães ao se depararem com filhos e filhas LGBTs são construídos e, portanto, podem ser mudados, alterados, transformados. Não há certezas, verdades inquestionáveis ou padrões rígidos num humano que é plural e diverso. É preciso aceitar que,

As muitas formas de ser homem e mulher, de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada são ensaiadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As certezas se acabaram. As possibilidades se ampliaram. (LOURO, 2008, p.23)

Após a divulgação e a passagem do estranhamento inicial, alguns pais e mães passam a conviver de forma mais conformada com as homo/transexualidades de filhos e filhas. Embora a convivência se torne possível, as dificuldades, em alguns contextos, permanecem.

A gente aprende a conviver, não a aceitar. (Nota de campo, mãe, 21 out.2014).

Dessa forma, muitos pais e mães ao frequentarem o GPH, por meio do apoio mútuo, transformam os sentimentos iniciais em atitudes que se anunciam como um possível movimento de visibilidade e luta pelos direitos de LGBTs, quase um indício de militância. Um exemplo disso foi o planejamento dos pais do GPH de uma apresentação do trabalho desenvolvido pelo grupo nas reuniões de pais e mestres que acontecem regularmente nas escolas públicas da rede municipal de ensino de Sorocaba, em uma ação articulada entre a Secretarias de Desenvolvimento Social e de Educação do município. Após o contato e organização com as equipes gestoras, duas escolas da rede municipal de Sorocaba receberam a visita dos pais participantes do GPH juntamente com as funcionárias da SEDES, para esclarecimentos sobre a proposta do grupo, divulgação de local, datas das reuniões e entrega de material publicitário.

Para a 10^a parada LGBT (2015), com o tema “Orgulho de quê?” organizou-se uma “Agenda da Parada” com debates, peça de teatro e exibição de filmes. As atividades foram realizadas pela Associação da Parada do Orgulho Gay, Lésbica, Bissexuais e Transgêneros de Sorocaba (APOGLBT-SOR) em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) e apoio da Prefeitura de Sorocaba. Nos debates foram abordados os temas: fora do armário; lésbicas; trans e travestis; não binários; família LGBT e engajamento político. O debate sobre o tema “Sorocaba tem orgulho de amar/ser Família LGBT”, reuniu diferentes famílias para justamente falar sobre elas e lá estavam presentes pais e mães que participam do GPH, envolvidos e na luta pela causa, ao acreditarem que,

[...] é na visibilidade e educação das novas gerações que há possibilidade de mudança. (Nota de campo, pai, 16 dez.2015)

Eu o coloquei no mundo para ser feliz, quando falo que sou feliz com meu filho gay, as pessoas fazem uma cara de espanto. (Nota de campo, mãe, 16 dez.14)

A passagem da participação em um grupo de ajuda mútua para a divulgação do tema e da experiência vivida, em outros espaços, é contraditória: por um lado leva à assunção da identidade de “pai e mãe de LGBTs” e, por outro, expõe esses pais e mães a posturas limitadoras e preconceituosas que ampliam as dificuldades vividas, em função da “presión social dirigida a negar a los disidentes eróticos”. (RUBIN, 1989, p. 34). As trajetórias em busca daquilo que os membros do grupo chamam de *aceitação*, vividas por pais e mães, são feitas a passos lentos, com tropeços e muitas pedras que dificultam o caminho.

Considerações finais

O presente artigo apresentou as experiências vividas por pais e mães de LGBTs que frequentam um grupo de ajuda mútua em busca da *aceitação* das diferentes formas de ser e viver os gêneros e as sexualidades. Pode-se notar que os preconceitos e a homofobia presentes nas diversas instituições sociais permeiam e estruturam as relações estabelecidas no âmbito familiar ((BORGES (2009); CONCEIÇÃO (2011); MODESTO (2010); PORCHAT (2011). A relação que se constitui no contexto familiar e que se instaura na convivência com LGBTs pode ser mais facilmente compreendida na afirmação de Sousa Filho (2001) pois,

O princípio da educação que se orienta pela idéia de “evitar o homossexualismo na família” traduz o mais amplo preconceito social existente na nossa sociedade: o preconceito contra homossexuais e contra a homossexualidade. Vivendo a crença segundo a qual a sexualidade humana é biológica, e, por conseguinte,

deixando de saber que a sexualidade humana é produto de construções culturais, sociais e históricas, isto é, resultado de convenções humanas, as famílias tornam-se nichos de circulação e reprodução dos preconceitos (e da desinformação) que envolvem a sexualidade. (p.04)

A família de origem, ou seja, espaço esperado para o acolhimento e conforto emocional, nesse contexto, torna-se um espaço privilegiado para as tensões, mas também se abre como possibilidade de reflexão e problematização das verdades instituídas e dos dogmas e paradigmas que rondam uma sociedade heterocentrada. Como aponta Rubin, 'hay mucha presión social dirigida a negar a los disidentes eróticos las comodidades y recursos que una familia proporciona. La ideología popular mantiene que las familias no deben producir o albergar a este inconformismo erótico'. (RUBIN, 1989, p. 34). Entre os pais pode-se notar a utilização de diferentes estratégias para conviver com a (nova) situação. O conformismo e a resignação surgem no espaço como condição para a convivência. Ao passo que surge também a possibilidade de "mudar a situação", "aprender a ser pais e mães de LGBTs" e "fazer alguma coisa", ou seja, ampliam-se as chances de mudança e transformação de uma sociedade homo/transfóbica. Como mostra Louro,

As muitas formas de ser homem e mulher, de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada são ensaiadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As certezas se acabaram. As possibilidades se ampliaram. (LOURO, 2008a, p.23)

Espera-se que com a iniciativa de socializar essa relação pouco explorada, mais estudos na área, com foco nas relações entre pais e mães e filhos e filhas LGBTs possam ser realizados. Ao partir dessa experiência vivida e partilhada, as análises aqui apresentadas nada mais são que indícios para a construção de uma sociedade mais respeitosa das diferentes formas de ser e amar e, portanto, para o estabelecimento de relações mais justas e igualitárias que podem começar no espaço restrito do lar.

Referências

BORGES, R. C. *Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas*. Dissertação (Mestrado em Ciências). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, 2009. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-20052009-135855/publico/RobertaCostaBorges.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

CHAVES, M. Sorocaba terá espaço para pais de pessoas homossexuais. *Jornal Ipanema*, Sorocaba, 15 mar. 2013. Disponível em: http://www.sorocaba.com.br/noticias/sorocaba-tera-espaco-para-pais-de-pessoas-homossexuais-2057?fb_comment_id=164907507000213_474398. Acesso em: 29 nov. 2018.

CONCEIÇÃO, A.P. *Performatividade: as marcas da educação na alma de corpos estranhos*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), 2011. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmli/bitstream/handle/123456789/279/ANA%20L%C3%9ACIA%20PAULA%20DA%20CONCEI%C3%87%C3%83O.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 nov. 2018.

DINIZ, D. Estereótipos de gênero nas cortes internacionais - um desafio à igualdade: entrevista com Rebecca Cook. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 451- 462, maio/ago., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a08.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRY, P. ; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos).

GARCIA, M. R. V. *Virgindade e iniciação sexual entre as adolescentes brasileiras*. São Paulo: Arte & Ciências, 2004.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC 1963 [2004].

GRUPO DE PAIS DE HOMOSSEXUAIS. *Quem somos*. 2006. Disponível em: <http://www.gph.org.br/quemsomos.asp>. Acesso em: 29 nov 2018.

HEILBORN, M. L. et al. *O aprendizado da sexualidade: um estudo sobre reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Oswaldo Cruz, 2006. 534 p.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009. p. 13-51. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>. Acesso em: 11 maio 2015.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: desafios da contemporaneidade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 7., 2008, Itajaí. *Anais...* Itajaí, 2008a. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Educacao_e_genero/Mesa_Tematica/04_43_10_Eixo20_mt_guacira.pdf. Acesso em: 11 maio 2015.

MELLO, L.; AVELAR, R. B.; MAROJA, D. Por onde andam as políticas públicas para a população LGBT no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 27, n. 2, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v27n2/a05v27n2.pdf>. Acesso em: 11 maio 2015.

MODESTO, E. *Homossexualidade, preconceito e intolerância: análise semiótica de depoimentos*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2010. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09022011-103046/publico/2010_EdithLopesModestodosSantos.pdf. Acesso em: 11 maio 2015.

OLIVEIRA, L. O "preço da liberdade"? Homossexualidade masculina, deslocamentos e família. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 37., 2013, Águas de Lindóia. *Anais...* Águas de Lindóia, 2013. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/papers-37-encontro/st/st36/8653-o-preco-da-liberdade-homossexualidades-masculinas-deslocamentos-e-familia/file>. Acesso em: 29 nov 2018

PORCHAT, P. A noção de gênero como operadora conceitual na clínica psicológica. *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos/ Conselho Federal de Psicologia* – Brasília: CFP, 2011. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Diversidade_Sexual_-_Final.pdf. Acesso em: 29 nov 2018.

RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de La sexualidad. In: VANCE, Carole (Comp.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Talasa, 1989. p. 113-190.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas*, Natal, n. 05, p. 67-78, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312/1745>. Acesso em: 29 nov 2018.

SIQUEIRA, R.; CARDOSO, H. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte americana. *Imagonautas*, Ourense, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4781280.pdf>. Acesso em: 29 nov 2018.

SOUSA FILHO, A. Educação sem preconceito: a família e a homossexualidade. *Boca da Noite*, Natal, v. 3, p. 4, 30 dez. 2001. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/3221795/educacao-sem-preconceito>. Acesso em: 29 nov 2018.

*Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar/Sorocaba (2015). Supervisora de Ensino na Secretaria de Educação no município de Sorocaba, tutora de EAD no curso de graduação em pedagogia da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) e professora convidada na Faculdade de Conchas (FACON). E-mail: rogeria.sedu@gmail.com.

**Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2007). É professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) - Campus Sorocaba. E-mail: mgarcia@ufscar.br.

Recebido em 10/08/2018

Aprovado em 15/10/2018